



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE-CES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO- UAE  
CURSO: III ESPECIALIZAÇÃO COM FOCO EM ENSINO E  
APRENDIZAGEM**

**A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR COMO MEDIADOR NO  
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO COM ALUNOS COM DÉFICIT DE  
APRENDIZAGEM**

**JOSEANE DOS SANTOS SILVA**

**CUITÉ- PB  
2018**

## **JOSEANE DOS SANTOS SILVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a UFCG – Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cuité-PB como requisito básico para a conclusão do curso de especialização de Ensino e Aprendizagem.

Orientado (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Letícia Caporlândia Giesta

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE  
Responsabilidade Rosana Amâncio Pereira – CRB 15 – 721

S586i Silva, Joseane dos Santos.

A importância do professor como mediador no processo de alfabetização com alunos com déficit de aprendizagem. / Joseane dos Santos Silva . – Cuité: CES, 2018.

54 fl.

Monografia (Especialização em Educação com Foco em Ensino Aprendizagem) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2018.

Orientadora: Dra. Letícia Carpolíngua Giesta.

1. Aprendizagem. 2. Educador mediador . 3. Aluno. I.  
Título.

Biblioteca do CES - UFCG

CDU 376

**JOSEANE DOS SANTOS SILVA**

**A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR COMO MEDIADOR NO PROCESSO DE  
ALFABETIZAÇÃO COM ALUNOS COM DÉFICIT DE APRENDIZAGEM**

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Letícia Caporlândia Giesta

---

Prof. Dr. Fábio Ferreira de Medeiros

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Michelle Gomes Santos

Dedico este trabalho a todos aqueles que estiveram presentes nos momentos mais importantes da minha vida e que tornaram possível sua realização.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiro a Deus, por sempre estar presente em minha vida, não apenas nos momentos felizes, mas principalmente nos mais difíceis. Aos meus pais (Vandeli e Zé Nilson), irmãos (Janailma, Janúbia, Janikeli e Vinicius), marido (Rodrigo), filho (Pedro Neto) e a minha filha (Clarice Sofia) que chegou ao decorrer do curso, cujo apoio incondicional tornou possível a realização deste sonho. A professora Dra. Letícia Caporlândia Giesta pelo incentivo à pesquisa e condução profissional para a conclusão deste. Aos meus professores da Especialização em Educação, pela contribuição para a minha formação. Aos meus colegas da especialização, pelo agradável convívio, amizade e ajuda, enfim agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente.

## RESUMO

**Introdução:** A aprendizagem é produto da ação dos adultos ou de pessoas mais experientes que fazem a mediação no processo de aprendizagem das crianças. Neste processo de mediação, o adulto usa ferramentas culturais tais como a linguagem e outros meios, e muito mais que ser um processo de assimilação e acomodação, é um processo de internalização, no qual o educando domina e se apropria dos instrumentos culturais como os conceitos, as ideias, a linguagem, as competências e todas as outras possíveis aprendizagens. O caminho metodológico que orientou a construção dessas reflexões foi realizado com base em uma pesquisa bibliográfica, como também em práticas pedagógicas vivenciadas em sala de aula. Trataremos do tema educação, sociedade e prática educativa, onde destacamos o compromisso do educador com a sociedade. Destacamos ainda a importância do letramento na aquisição da leitura e demais recursos que poderão ser utilizados para despertar o prazer da leitura para os alunos. Então faremos um relato de nossa experiência enquanto docente na EMEF Antônio Ferreira da Costa, situada no município de Picuí-PB. Nós educadores precisamos ser exemplos de seres humanos amorosos, vivendo, na prática, a solidariedade, a aceitação do outro, o respeito às diferenças, mostrando os valores dentro da sala de aula para que nossos alunos possam espelhar-se em nós, mesmo sabendo que não é fácil temos que sair da zona de conforto e chegar até aquele aluno que precisa de uma atenção maior. Diante de toda dinâmica vivenciada foi possível observar o desenvolvimento da leitura, escrita e produção textual por parte dos alunos, cada um de uma forma, mas que sempre buscaram o aprendizado. Com a realização desse trabalho foi perceptível que com os diversos tipos de metodologias existentes, é possível prender a atenção e despertar nos alunos a busca pelo conhecimento, mesmo que estes apresentem algum déficit na aprendizagem, como foi o objetivo principal desta pesquisa.

**Palavras-Chave:** Aprendizagem; Educador Mediador; Aluno.

## ABSTRACT

**Introduction:** Learning is the product of the action of adults or more experienced people who mediate the learning process of children. In this process of mediation, the adult uses cultural tools such as language and other means, rather than being a process of assimilation and accommodation, it is a process of internalization, in which the learner dominates and appropriates cultural instruments such as concepts, ideas, language, skills and all other possible learning. **Methodology:** path that guided the construction of these reflections was carried out based on a vast bibliographical research, as well as on pedagogical practices lived in the classroom. We will deal with the theme education, society and educational practice, where we highlight the educator's commitment to society. We also emphasize the importance of literacy in the acquisition of reading and other resources that can be used to awaken reading enjoyment for students. Then we will give an account of our experience as a teacher at the Antônio Ferreira da Costa Municipal School. We educators need to be examples of loving human beings, living in practice, solidarity, acceptance of the other, respect for differences, showing values within the classroom so that our students can mirror in us, even knowing that it is not easy we have to leave the comfort zone and reach that student who needs greater attention. In the face of all the dynamics experienced, it was possible to observe the development of reading, writing and textual production by students, each in a way, but always seeking learning. With the realization of this work it was evident that with the various types of existing methodologies, it is possible to capture the attention and awaken in students the search for knowledge, even if they present some deficits in learning, as was the main objective of the research.

**KEYWORDS:** Learning; Educator Mediator; Student.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2. CAPÍTULO I</b> .....	12
2.1 Educação, sociedade e pratica.....	12
2.2 O compromisso do educador com a sociedade.....	12
2.3 Saberes Necessários a Prática Educativa do Pedagogo Mediador.....	14
2.4 Por uma Docência de Melhor Qualidade para Crianças com Déficit de Aprendizagem.....	21
<b>3. CAPÍTULO II</b> .....	27
3.1 Ler é viajar sem sair do lugar.....	27
3.2 A importância do letramento na aquisição da leitura.....	35
<b>4. CAPÍTULO III</b> .....	44
4.1 Relato de experiência na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Ferreira da Costa-Picuí-.....	44
4.2 Caracterizando o campo de prática.....	45
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	50
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	51

## INTRODUÇÃO

Este trabalho surge da necessidade de compreender a metodologia de ensino do professor como mediador. Tendo como foco principal as suas metodologias aplicadas em sala de aula. Diante de muitas transformações ocorridas no mundo contemporâneo é preciso refletir um pouco sobre a qualidade do ensino do nosso país tendo em vista o alto índice de analfabetos, mesmo em pleno século XXI ainda sofremos com essas questões, pois, são encontrados problemas referentes à falta de motivação por parte do alunado, bem como problemas ligados a extensa jornada de trabalho e baixos salários.

Esses problemas não afetam somente o ensino fundamental I mas toda a rede, diversos recursos pedagógicos têm sido utilizados para alcançar o objetivo, dentro dessa perspectiva iremos tratar neste trabalho da educação infantil especificamente do ensino fundamental I e da figura do professor como mediador no processo de ensino aprendizagem principalmente, para aqueles alunos que apresentam déficit de aprendizagem; os recursos utilizados para o desenvolvimento desses educandos, bem como apresentar nosso relato de experiência nesse processo.

Maria Montessori foi à primeira mulher a se formar em Medicina em seu país, particularmente interessada nos estudos do médico francês Édouard Séguin, um dos desbravadores dos mecanismos do aprendizado infantil, criou sua filosofia e seu método com o objetivo de desenvolver o potencial criativo desde a primeira infância, associando-o a vontade de aprender que existe em cada um de nós.

Especialmente voltado para a educação pré-escolar estendendo-se para os demais do ensino fundamental I, o Método Montessori tem como principais objetivos as atividades motoras e sensoriais da criança, num trabalho individual que abrange também o aspecto da socialização. Partindo do concreto para o abstrato, fazendo com que a criança estimule seu pensamento, está baseado no fato de que as crianças aprendem melhor pela experiência direta de procura e descoberta.

Quando uma criança se auto educa e o próprio material lhe indica seus erros, resta à professora observar e dirigir a atividade psíquica das crianças e o seu desenvolvimento fisiológico. Os objetivos individuais que o método propõe são fazer com que a criança encontre um lugar no mundo, desenvolva um trabalho gratificante. Neste contexto, o papel do educador

é criar condições para que a criança atinja essas metas e desenvolva sua personalidade integral por intermédio do trabalho, do jogo, de atividades prazerosas e da formação artística e social. No Método Montessoriano, a escola não é apenas um lugar de instrução, mas também de educação para a vida.

Para Maria Montessori, o espírito da criança se forma a partir de estímulos externos que precisam ser determinados. Em seu método de ensino a criança é livre, mas livre apenas para escolher os objetivos sobre os quais possa agir.

Por isso, Montessori criou materiais didáticos simples e muito atraentes, projetados especialmente para provocar o raciocínio e auxiliar em todo tipo de aprendizado, do sistema decimal à estrutura da linguagem, tornando todo o processo muito mais rico e interessante. (MACHADO, 1986).

Já para Vygotsky a aprendizagem é produto da ação dos adultos ou de pessoas mais experientes que fazem a mediação no processo de aprendizagem das crianças. Neste processo de mediação, o adulto usa ferramentas culturais tais como a linguagem e outros meios, e muito mais que ser um processo de assimilação e acomodação, é um processo de internalização, no qual o educando domina e se apropria dos instrumentos culturais como os conceitos, as ideias, a linguagem, as competências e todas as outras possíveis aprendizagens. Para ele, portanto, o desenvolvimento dos processos cognitivos superiores é resultado de uma atividade mediada.

O professor promove um aprendizado significativo e ampliado através de mediações específicas que englobam o atendimento às necessidades e singularidades de cada criança por meio de diferentes linguagens aplicadas a diversas situações lúdicas que respeitem o tempo de aprender e o desenvolvimento de cada criança. Não é qualquer atividade que provoca o desenvolvimento das capacidades, mas atividades que necessitem da participação da criança, e ao mesmo tempo em que adquira significado social.

O professor deve “[...] ser o mediador entre o aluno e o processo de conhecimento, atuando como orientador, facilitador e aconselhador da aprendizagem, e deve integrar, no desenvolvimento de atividades, os aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociais” (SOLER, 2003, p.40).

O caminho metodológico que orientou a construção dessas reflexões foi realizado com base em uma pesquisa bibliográfica, como também em práticas pedagógicas vivenciadas em sala de aula do 2º Ano na EMEF Antônio Ferreira da Costa situada na Zona Rural de Picuí-PB. Trataremos do tema educação, sociedade e prática educativa, onde destacamos o compromisso

do educador com a sociedade, saberes necessários a prática educativa do professor mediador, e também, da qualidade do ensino como um todo.

Destacaremos também a importância do letramento na aquisição da leitura e demais recursos que poderão ser utilizados para despertar o prazer da leitura para os alunos.

Faremos um relato de nossa experiência enquanto docente na escola Municipal Antônio Ferreira da Costa situada na Zona Rural do município de Picuí-PB. Então como objetivo geral mostrar o quão é importante o professor como mediador no processo de alfabetização com alunos que tem déficit de aprendizagem tanto em letramento e alfabetização quanto em alfabetização matemática; trazendo as aulas dinâmicas, aulas com materiais concretos (para o manuseio do discente); propiciar a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

Por fim, as considerações finais sobre o trabalho e o desejo que este possa nortear a prática de outros educadores na efetivação da educação de qualidade.

## **2. EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁTICA**

### **2.1 O Compromisso do Educador com a Sociedade**

A concentração e a consolidação de uma sociedade, alicerçada pela ética, justiça e solidariedade é uma competência que se aprende. Daí entendermos a educação como um processo amplo, um projeto para toda vida. “A educação [...] não é o ponto de chegada de um processo histórico, a expressão de tendências fundamentais das sociedades modernas. Ela é uma exigência fundamental do homem enquanto processo do ser” (GADOTTI, 1998, p. 87).

Com a crescente exigência da sociedade do conhecimento a Educação para Todos tornou-se meta priorizar a inclusão. A educação sozinha não pode maximizar os seus efeitos se as condições de vida do ser humano não mudam como um todo. Mas compreendemos que o desenvolvimento da sociedade está vinculado à prioridade que se dá à educação de seus membros.

A educação é concebida como exigência dessa nova sociedade que, por sua vez, exige novas formas de encarar o conhecimento. Não basta “ter conhecimento”, mas saber o que fazer com ele. Este “saber fazer”, impregnado de autonomia, da capacidade de fazer múltiplas leituras e relacioná-las, é um dos desafios da educação hoje.

O professor, como norteador do processo de ensino aprendizagem, serve de modelo e inspiração de procedimentos sócio morais positivos. Sugere também que deve inspirar confiança, tanto para os alunos e para suas famílias como para a sociedade em geral.

O educador está diretamente comprometido com a sociedade, com a escola, com o aluno, com os colegas, com o trabalho escolar que desenvolve e também consigo mesmo. Na relação com a sociedade cabe ao professor a responsabilidade de ajudar o aluno a se tornar parte integrada e ativa do mundo social.

Ensinar exige apreensão da realidade, na qual o educador precisa conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência de sua prática, o que poderá torná-lo mais seguro do seu próprio desempenho.

Para Freire (1996), aprendemos não apenas nos adaptar, mas, sobretudo transformar a realidade, intervindo-a, criando-a e recriando-a. Nossa capacidade de aprender decorre a de ensinar, implicando a nossa habilidade de aprender à substantividade do objeto aprendido.

Não é um simples ato de ensinar com métodos eficientes ou depositar conhecimentos, pois educar é estar comprometido com a outra pessoa, é antes de tudo uma atitude de amor, humildade e fé nos homens, no seu poder de fazer e refazer, de criar e recriar (FREIRE, 1987, p.81).

Portanto, toda prática educativa causa a existência de sujeitos, em que, ensinando aprende, outro que, aprendendo-ensina. Daí a existência dos conteúdos a serem ensinados, usando técnicas, métodos e materiais em função de seu caráter diretivo, objetivos, sonhos e ideais, ou seja, uma educação política, na qual o professor deve ser competente, está em busca do “novo”, contribuindo positivamente para que o educando torne-se um artista de sua formação, com ajuda necessária do educador, o qual juntamente com o aluno possam aprender e ensinar.

O profissional da educação precisa estar consciente de que, hoje, num mundo transformado pela ciência e tecnologia, é difícil prever o que será da vida de seus alunos no futuro. O professor é um representante da família e da sociedade na educação das gerações ainda em formação. A postura do profissional da educação em sociedade implica atitudes que geram clima de confiança nas relações humanas e sociais. É preciso analisar-se constantemente de forma clara e consciente para verificar se não está sendo retrógrado ou comodista.

A escola é uma instituição contextualizada, isto é, sua realidade, seus valores, suas configurações variam segundo as condições histórico-sociais que a envolvem. Há toda uma confluência de fatores que condicionam seu perfil e suas manifestações. O professor em relação à escola é, ao mesmo tempo, condicionante e condicionado.

Seu modo de agir e de ser recebe influência do ambiente escolar e vice-versa. Ele tem obrigações morais para com a escola que milita. A colaboração entre a direção e seu quadro de professores é fundamental para o sucesso da instituição escolar. Os esforços de ambos devem convergir para o mesmo objetivo, que é a educação e o crescimento do aluno.

Conforme Libâneo (1994, p. 16), “O trabalho docente é parte integrante do processo educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social”.

Existem normas de comportamento cuja observação ajuda os educadores a se relacionarem com seus colegas para haver maiores entendimento entre eles e melhor interação e integração com os alunos. Para haver ambiente favorável aos educadores, se faz necessário o cumprimento das normas estabelecidas pela escola, valorizando a profissão e incentivando o intercâmbio entre todo o corpo diretivo, docente e demais funcionários da escola.

É fundamental para a educação o bom relacionamento entre professor e aluno, o estabelecimento de laços de simpatia e amizade entre ambos são também fundamentais para que sejam alcançados os objetivos propostos. Segundo Paulo Freire (1967, p. 66) “[...] o diálogo é uma relação horizontal. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança”.

A relação do professor com a sociedade, com a escola, com os alunos e com os colegas, depende fundamentalmente do compromisso profissional com a ética e com a educação. Acreditar na educação é não fazer de sua atividade profissional, mera forma de ganhar a vida. É necessário também que o professor acredite na disciplina que leciona e tenha prazer em fazer parte da educação de um ser inserido na sociedade.

Atitudes desta natureza propiciam ao educando perceber que o mestre possui a convicção necessária para educar. É grande a responsabilidade do educador como agente influenciador de mentalidade em formação. É de sua obrigação elaborar o plano de curso de sua disciplina e que seja flexivo, selecionar conteúdos significativos, utilizar de varias metodologias para que este conteúdo seja assimilado de forma agradável, não esquecendo de que o bom plano de aula favorece significativamente a aprendizagem e é sinal de respeito para com o aluno.

Outro aspecto importante na relação do professor consigo mesmo é a sua atualização permanente, buscando sempre inovações para melhorar o seu desempenho profissional. Ser autodidata é uma virtude que todos os educadores devem prezar, o aperfeiçoamento tem de ser entendido em sentido amplo, procurando atualizar não só os conhecimentos sobre a matéria que leciona, mas também os conhecimentos sobre sua disciplina e inteirar-se dos progressos da didática e da sociedade de maneira geral. O professor consciente desenvolve seu espírito de autocrítica e avalia constantemente sua postura e sua própria conduta.

A maturidade também é uma qualidade essencial dos verdadeiros educadores, sendo eles social, intelectual e emocionalmente maduros, serão com certeza os grandes transformadores da sociedade, os agentes equilibrados que enfrentarão com sabedoria todos os desafios inerentes a sua profissão. A educação precisa de mestres competentes, equilibrados, destemidos, ousados, críticos, éticos, capazes de lutar por uma sociedade mais igualitária e solidária. O educador tem compromisso com o estado social atual, tem compromisso também com a evolução, com a modificação, com o progresso social.

Acompanhando sua trajetória, percebemos que a figura do educador passou por uma metamorfose, e continua se transformando. A sociedade moderna exige que os professores tenham competência, sejam humanos e comprometidos e que exerçam o seu papel com ética.

A formação do indivíduo se dá através da interação do educando com a presença viva do professor.

## **2.2 Saberes Necessários a Prática Educativa do Professor Mediador**

Nos dias de hoje, o professor não é apenas aquele que transmite o conhecimento, mas, sobretudo, aquele que subsidia o aluno no processo de construção do saber. Para tanto, é imprescindível ser profissional que domine não apenas o conteúdo de seu campo específico, mas também a metodologia e a didática eficiente na missão de organizar o acesso ao saber dos alunos.

Considerando-se a escola o espaço onde acontece a intervenção pedagógica, e o professor mediador da formação do aluno, percebe-se a necessidade de se estabelecer um diálogo entre esses segmentos, objetivando adequar o conhecimento difundido no contexto escolar às práticas sociais. O professor deve atuar comprometido com essa difusão do conhecimento, mas sempre voltado à pesquisa, socializando suas buscas e experiências durante a prática educativa, para a melhoria da qualidade de ensino. Garcia (2001, p. 52) considera que a função do professor, nessa fase, é formar hábitos, atitudes e desenvolver as habilidades essenciais para o aprendizado da leitura e da escrita.

Quando pensamos a respeito da mediação do pedagogo no trabalho docente, sabemos que essa condução deve constituir-se como “ponte” para a conquista de ideais como: profissionalização, melhores condições de trabalho e uma prática docente mais crítica, ativa, interventiva e o estudante como um aprendiz competente. “A primazia da importância do saber disciplinar, curricular e da cultura do mundo vivido” (NÓVOA, 2009, p. 33), na prática docente deve ser considerada como fator intimamente relacionado com a melhoria da qualidade do ensino, além de constituir elemento significativo para a construção do professor enquanto profissional da educação.

E não apenas o saber de determinadas matérias, mas o saber é para a vida; o saber ser gente, com ética, dignidade, valorizando a vida, o meio ambiente, a cultura. Em outras palavras, muito mais que transmitir conteúdo das matérias curriculares organizadas e programadas para o desenvolvimento intelectual da humanidade, é preciso ensinar a ser cidadão, mostrar aos alunos seus deveres e seus direitos, subsidiando-os para que saibam defendê-los.

Na realidade, o professor é consciente de como é importante sua atuação na formação de pensadores. Contudo, o programa curricular já é preestabelecido pela escola. Essa realidade é comum na educação brasileira. Com isso, o professor muitas vezes não tem a liberdade ou o



apoio para conduzir suas aulas, então o ensino volta-se para a transmissão de conteúdos e os alunos permanecem no papel de repetidores.

Observa-se que a responsabilidade de educar, hoje, recai tão somente sobre a escola, especialmente sobre a figura do professor. Contudo, o ato de educar compete a todas as instituições sociais comprometidas com o desenvolvimento do país, principalmente a família uma das instituições mais antigas deve ter sua coparticipação junto à escola, uma vez que é ela que compete a transmissão de valores morais. Essa parceria deve visar à formação do educando, a fim de que este exerça sua autonomia e liberdade frente as suas atividades no contexto escolar e no seu convívio em sociedade.

Segundo Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. O educador além de ser criativo democrático e gostar do que faz, ele não pode negar-se o dever de na sua prática docente discutir com os educandos a realidade concreta, reforçando sua capacidade crítica, sua curiosidade e sua insubmissão. Assim os educandos se transformam em sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, tornando-se capazes de pesquisar, buscar um novo horizonte que possibilite ampliar seus conhecimentos.

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar. Na chamada pedagogia inovadora, o aluno é visto como fundamental para a construção do conhecimento que ele próprio absorve. Como propõe Masetto (2010), o professor, nessa perspectiva, deve ao invés de apenas repassar o conteúdo ao discente, incitá-lo a ir à busca das informações:

Atualmente o professor assume um papel muito importante e duradouro juntos aos seus alunos no que diz respeito ao conhecimento: colaborar para que o aluno aprenda a buscar informações, detectar as fontes atuais dessas informações, dominar o caminho para acessá-las, aprender a selecioná-las, compará-las, criticá-las, integrá-las ao seu mundo intelectual. (MASETTO, 2010, p.68)

Destacamos valores como simplicidade, humanitarismo, esperança e bom senso: aspectos distantes da sociedade atual, onde o capitalismo impera conduzindo as massas ao consumismo desenfreado e a alienação coletiva pelos meios de comunicação. O abandono educacional em que vivem nossas escolas, prende-as a táticas de ensino ultrapassadas e desconexas.

Na atualidade é que a aprendizagem é um processo construtivo interno, talvez não seja demais recordar que não basta a apresentação de informações para que o indivíduo aprenda, mas que também é necessário que a construa mediante sua própria experiência interna. O professor deve produzir situações que favoreçam a compreensão, por parte do aluno, formando suas ideias sobre o fenômeno em questão. Isto implica num estilo de ensino muito diferente do que se praticou tradicionalmente. É um ensino que se baseia na mudança conceitual. É essencial fazer a separação entre compreender e aprender, a aquisição de conhecimento por parte do aluno deve basear-se na compreensão.

Propõe uma humanização do professor enquanto mentor e guia no processo educativo-social, conscientizando os educandos de todas as camadas sociais, sobretudo as de baixa renda, das manipulações políticas que as mantêm sob seu jugo.

Cabe ao professor observar a si próprio (autoconhecimento); olhar para o mundo, olhar para si e sugerir que os alunos façam o mesmo e não apenas ensinar regras, teorias, cálculos. Deve ser um mediador de conhecimentos, utilizando sua situação privilegiada em sala de aula não apenas para instruções formais, mas para despertar os alunos para a curiosidade; ensiná-los a pensar, a ser persistentes, a ter empatia com o próximo, a ser autores e não expectadores no palco da existência. Ser amigo, saber ouvir, se colocar no lugar do outro. Trabalhar com as mentes e os corações tem um valor inestimável, que deve mobilizar o professor está sempre se questionando a respeito de sua metodologia de ensino e como esta vai favorecer o futuro de seus alunos.

É preciso mostrar que existem deveres e que as responsabilidades sociais devem ser cumpridas por cada um para que todos vivam com dignidade. Assim, é importante que o professor trabalhe valores, fazendo seu aluno perceber o outro; perceber quem está ao seu redor, formando crianças que saibam a importância de respeitar, ouvir, ajudar e amar o próximo.

A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e inter comunicação e que não se funde na dialiogenicidade (FREIRE, 1996, p.42).

Sem dúvida, o docente de hoje desempenha inúmeros papéis que são importantíssimos para o desenvolvimento das futuras gerações, cabendo-lhe estimular à solidariedade, a

cooperação, a valorização individual e do grupo. Deve, portanto, encarar com muita seriedade sua profissão; trabalhar para esclarecer seus alunos e fazer com que eles reflitam sobre a realidade em que vivem.

É fundamental que dê exemplo de ética, humildade, cidadania; estando atento às transformações do mundo e no seu país, na atualidade geral, na realidade de seus alunos, ensinando-os a pensar, estimulando-os a debater questões, dar opiniões sem impor e deixá-los livres para darem as suas, como profissional em movimento permanente e constante, que estuda, se aperfeiçoa, qualifica-se para exercer de maneira cada vez melhor a profissão docente, procurando conhecer o quanto possível particularmente cada um a que educa, com um novo olhar sobre o processo de ensino e aprendizagem.

Que use e incentive os alunos a usar as novas tecnologias, acabando com a decoreba; que estimule seus alunos a desenvolver o pensamento, a observação do mundo, e que não dependa só dos livros para dar suas aulas, mas sim que pesquise, corra atrás de assuntos que possam ser resolvidos em aula, junto com os alunos, pois se queremos estudantes participativos, que pensem, tenham autonomia, saibam trabalhar em grupo, além de cumprirem suas tarefas com responsabilidade e coerência, é preciso ensiná-los a serem assim.

[...] a exigência de que o professor tenha uma competência polivalente, ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdo de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até os conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas de conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática [...]. (Referenciais Curriculares Nacionais).

Como professor, sua primeira função é mostrar ao educando que ele é apenas um mediador, uma ponte que pode ajudá-lo, com seu consentimento, a atingir os seus próprios objetivos e encontrar o seu próprio rumo. O docente pode trazer as situações do mundo para a sala de aula e explorá-las, enriquecê-las paralelamente com a matéria. Pode trabalhar questões difíceis de maneira divertida, trocar experiências, ser muito mais que um professor para seus alunos. Procurar trazer a família para dentro da escola. Criar vínculos com a família, mostrando que todos fazem parte de uma mesma sociedade. Considerar a vivência do aluno, seu dia a dia, suas questões familiares, seu emprego, seu lazer.

Estar preparado para imprevistos; manter-se equilibrado e seguro do que está ensinando, transmitindo segurança para os alunos, observando e descobrindo as potencialidades

individuais para ajudar a desenvolvê-las, respeitando-os como seres humanos únicos e, assim, cada um com seu ritmo de aprendizagem; alguns com dificuldades específicas, necessitando de ajuda para superá-las (inclusão). Investir na eliminação de preconceitos, cargas de visões e atitudes incorretas que nos impedem de enxergar com clareza o mundo. Ajudar os alunos a aceitar as diferenças entre eles. Acreditar que todos são capazes de aprender, cada um no seu próprio ritmo. Saber inovar, criar; ser um profissional politizado para poder oferecer alternativas para os educandos. Que desenvolva uma interação criadora e dialética com os alunos, percebendo se estão entendendo o assunto ou não. Que não cobre memorização de conteúdos e sim o progresso de seu desenvolvimento avaliando de forma contínua o aprendizado dos alunos. Que compartilhe, dialogue, desenvolvendo as aulas em clima de interesse e harmonia, sem renunciar à autoridade docente.

Vale reafirmar que, para um professor competente, não basta dominar bem os conceitos de sua área. É preciso pensar criticamente no valor efetivo desses conceitos para inserção criativa dos sujeitos na sociedade. Não basta ser criativo é preciso exercer sua criatividade na construção do bem-estar coletivo. Não basta se comprometer politicamente é preciso verificar o alcance desse compromisso, verificar se ele efetivamente dirige a ação no sentimento de uma vida digna e solidária. (RIOS, 2001:108-109)

Finalmente, o educador dispõe da oportunidade de mudar, disciplinar, criar, reconstruir, enriquecer a vida de seres humanos.

Para tanto, se queremos um adulto mais humano e consciente no futuro, precisamos investir na formação da criança dos dias de hoje, que chega ao espaço pedagógico chamado escola pronta para possibilitar ao professor mediador o desenvolvimento de um trabalho de construção do saber e do conhecimento sócio-político-cultural.

Essa busca pelo educador ideal pode parecer excessiva, pode parecer utópica, sobretudo devido à desvalorização dos profissionais da educação como agentes e mediadores de conhecimento que estamos vivenciando. No entanto, quando Paulo Freire (1996) diz: “Me movo como educador, porque primeiro me movo como gente”, acreditamos que o professor pode levar os educandos a terem curiosidade de querer fazer, querer aprender; que ainda está em tempo de nos desprendermos do tradicionalismo arcaico e da quantificação da educação, a partir da formação e valorização do professor, capaz de olhar uma mesma situação de diversos ângulos e saber a hora certa de intervir e reagir às dificuldades, mobilizando esforços para

melhorar a situação (e a sua própria situação), propiciando aos alunos momentos que os levem a querer buscar o saber e, dessa forma, possibilitando que não sejam simplesmente os espectadores do processo de ensino e aprendizagem, mas sim protagonistas conscientes e capazes, vivenciando na sociedade as experiências significativas desenvolvidas na sala de aula.

Em suma, a educação moderna exige um profissional que direcione o seu olhar para o futuro, exercitando a imaginação e a fantasia de seus alunos na tentativa de solucionar problemas ou situações que os novos tempos trazem. É importante que ele seja provocador e desafiador, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e autônomos. Ele tem como compromisso: cultivar no aluno o espírito pesquisador; ensiná-lo a expressar adequadamente as suas ideias; a aprender com os erros e a enfrentar obstáculos; levá-lo a acreditar em si e a descobrir seus talentos e potencialidades; e despertando o desejo pelo saber.

O professor com visão de futuro amplia o seu campo de ação educacional, o que proporciona ao aluno descobrir o funcionamento e o significado do que lhe é proposto, sabendo o porquê do ensinar e o porquê do aprender. O professor necessário nessa nova realidade é aquele que atende as necessidades impostas pela sociedade contemporânea e que não tem medo de usar o saber e ousar com este saber. Ele transporta a realidade para a educação inventando uma nova forma de ensinar.

Cumpra aos educadores se questionarem constantemente sobre o tipo de sociedade para qual devem preparar os educandos, que serão responsáveis pelo rumo do país. Dentro do contexto educacional, o papel dos professores é talvez o mais significativo da realidade global, capaz de interferir na modificação do ser humano a desenvolver-se como ser integral, nas suas potencialidades cognitivas, afetivas, psicomotoras e sociais, criando condições favoráveis para o aluno conhecer e compreender o mundo em que vive e, assim, poder construir-se dando oportunidade ao educando de delinear seu papel como ser pensante, consciente, criador, livre e participante transformador da sua realidade.

Na concepção de Paulo Freire “O Educador comprometido com a classe trabalhadora [...] está com o educando, não contra ele [...] o diálogo só se dá entre iguais e diferentes, nunca entre antagônicos. Entre esses é a luta que tem lugar (FREIRE, 1987, p. 23).

A educação permanente surge hoje como uma exigência da nova sociedade, a qual exige novas formas de olhar o conhecimento. A dificuldade da efetivação da Educação Inclusiva dentro de um padrão de qualidade está mais na questão da metodologia, na qual os educadores vêm enfrentando desafios, seja pelo medo do novo ou por desconhecer a essência de uma educação democrática, dialógica, transformadora e inovadora.

Diante dessa problemática, os educadores mediadores para solucionarem dificuldades na sua prática pedagógica precisam inovar seus conhecimentos, buscando aperfeiçoamentos estando em constante processo de formação continuada. Portanto como educador democrático, crítico, comprometido com sua prática pedagógica, ele deverá estar sempre buscando mudanças para efetivação de sua competência profissional.

Os ensinamentos de Freire se fazem imprescindíveis à condução do corpo discente em prol de uma sociedade mais justa e de valores igualitários; na formação crítica de professores que, além de educar, estarão conscientizando e orientando os futuros cidadãos.

Dessa forma, falar do papel do professor no processo ensino/aprendizagem explorado neste trabalho, é mostrar como deve ser permeada sua prática, não como um mero transmissor de informações, mas como um gerenciador do conhecimento, valorizando a experiência e o conhecimento internalizado de seu aluno na busca de sua formação como pessoa capaz de pensar, criar e vivenciar o novo, assim como da formação de sua cidadania.

#### **2.4 Por uma Docência de Melhor Qualidade para Crianças com Déficit de Aprendizagem**

Crianças com dificuldade de aprendizagem não apresentam distúrbios neurobiológicos, isto quer dizer que os problemas apresentados têm caráter provisório e suas causas podem ser localizadas em diferentes dimensões do processo de aprendizagem do indivíduo. Consideramos que estas dimensões são: a) social; b) pedagógica; c) psico-afetiva; d) psico-cognitiva; e) orgânica. A dimensão social perpassa todas as demais, que, por sua vez, apresentam pontos de interseção (WEISS & CRUZ, 2011).

Comprometimento na interpretação de texto, disgrafia (deficiência na habilidade de escrever, em termos de caligrafia e também de coerência), dislexia, discalculia (dificuldade no aprendizado dos números), dispersão em sala de aula e nos momentos de realizar atividades e avaliações escolares. Modalidades de aprendizagem que não favorecem a assimilação e a acomodação dos conhecimentos de modo satisfatório, entre outros sinais, podem ser manifestações de problemas de aprendizagem. (BRASIL, 2014)

Entretanto, é preciso diferenciar problemas de aprendizagem de dificuldades de aprendizagem. Qualquer estudante pode atravessar, em algum momento da vida escolar, alguma dificuldade no aprender. Pode demorar um pouquinho mais para assimilar um conteúdo, para dar sentido ao que lhe é ensinado, por uma ou outra razão, sem, contudo, configurar um sintoma ou fracasso do professor.

Sendo assim, a dificuldade de aprendizagem deve ser vista sempre na perspectiva da pluricausalidade (WEISS, 2009), ainda que, em uma avaliação psicopedagógica realizada pelo profissional competente, seja possível identificar algumas causas principais dentre uma série de fatores que consistem em obstáculos ao processo de aprendizagem. Esta avaliação nem sempre é acessível para todos. Neste sentido, cabe à escola avaliar o aluno, compreender pedagogicamente suas dificuldades e desenvolver estratégias para favorecer seu processo de aprendizagem.

Um problema de aprendizagem pode ser considerado como tal quando descartadas causas socioeducativas. Ou seja, quando os sinais persistem, apesar das intervenções educacionais. Nessas situações, muitas vezes, como foi assinalado anteriormente, há necessidade de investigação e leitura especializada. Ressalta-se, entretanto, a importância de cautela por parte dos educadores ao “diagnosticar”. É preciso cuidado com a tendência de atribuir a causas organicistas os problemas e dificuldades de aprendizagem apresentados pelos alunos. Considera-se muito válido o trabalho coletivo da escola. O estudo de situações, a ajuda e o apoio de outros profissionais orientadores educacionais, coordenadores pedagógicos, psicólogos, psicopedagogos são sempre muito positivos. Surgem novos olhares, tanto em relação à leitura dos problemas quanto às possibilidades interventivas. (WEISS & CRUZ, 2011).

Assim como transtornos de atenção podem ser confundidos com desinteresse, a recíproca também ocorre que o aluno pode estar desatento por falta de interesse nas atividades escolares. Esta pode ser motivada por causas externas ao ambiente escolar (problemas familiares, por exemplo), como também por uma falta de sintonia entre a metodologia utilizada na escola como, por exemplo: escola do século XX alunos do século XI e a forma da criança aprender.

Este fator é muito comum em nossa época, quando jogos eletrônicos condicionam as crianças a obter respostas imediatas e à satisfação gerada pela competitividade. Por outro lado, principalmente na rede privada de ensino, o sistema de avaliação em vigor tem gerado a falsa premissa de que a educação básica tem por objetivo preparar o aluno para a aprovação de avaliações externas como Provinha Brasil, Prova ANA, Prova Brasil, SOMA-Pacto pela Aprendizagem na Paraíba até mesmo o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Há uma tendência a negar a infância e tornar o ambiente escolar, desde a alfabetização, em um lugar de realizar exercícios descontextualizados, às vezes até mesmo exaustivos. Diante disso se faz necessário priorizar a qualidade do ensino e a capacitação constante do professor mediador para que possa identificar e trabalhar com esse educando de forma correta e com eficiência.

Segundo Rios (2001) a melhor qualidade do ensino revela-se na sensibilidade do gesto docente na orientação de sua ação para trazer o prazer e a alegria ao contexto de seu trabalho e da relação com os alunos. Alegria no melhor sentido, resultante do contato com o mundo e da ampliação do conhecimento sobre ele. A melhor qualidade não significa "qualidade total".

O ensino da melhor qualidade é aquele que apresenta condições para a formação da pessoa que sabe ler (compreender), escrever e contar. Ler não apenas as cartilhas, mas no sentido geral, como ler o mundo e suas culturas. Escrever não apenas nos cadernos, mas no contexto de que participa, deixando seus sinais, seus símbolos por onde passar. Contar não apenas números, mas sua história, espalhar sua palavra, falar de si e dos outros. Contar e cantar nas expressões político-sociais, nas criações artísticas, nas manifestações religiosas, nas múltiplas e diversificadas investigações.

Ser professor não é certamente um produto acabado, mas será um processo permanente tornar-se professor, uma evolução, na qual as experiências vão ganhando mais significado. Tendo em vista a construção de uma sociedade de todos, com todos e para todos, também nós assumimos este processo e nos empenhamos nele verdadeiramente. O futuro professor vai se formando ao longo de toda a vida, adquire conhecimentos, princípios e valores que lhe são transmitidos pela família, pelo meio que o cerca, interiorizando-os na convivência com o educando. Ser professor é uma arte e ao mesmo tempo um talento que precisa de ser completado com formação profissional adequada. Não há um modelo de bom professor, mas grandes experiências a serem compartilhadas.

O melhor professor será aquele que tiver a habilidade, a arte de reconhecer a necessidade imediata do aluno. Deverá ter o conhecimento que é espontâneo, intuitivo e experimental. A formação profissional deverá ser adquirida nas instituições próprias com os seus currículos e teorias. Estas, sem a prática, são manifestamente insuficientes e muitas vezes defasadas da realidade.

[...] vale reafirmar que, para um professor competente, não basta dominar bem os conceitos de sua área é preciso pensar criticamente no valor efetivo desses conceitos para a inserção criativa dos sujeitos na sociedade. Não basta ser criativo é preciso exercer sua criatividade na construção do bem-estar coletivo. Não basta se comprometer politicamente é preciso verificar o alcance desse compromisso, verificar se ele efetivamente dirige a ação no sentido de uma vida digna e solidária. (Rios, 2001:108-109)

Colocar-se como professor em crescimento, ou seja, aquele que também aprende e aprende é dar-se a oportunidade de fazer parte da construção da cidadania, palavra tão presente



em nossos planos, objetivos e concepções. Creio ser importante e necessário ativar essa cidadania, fazendo-a transitar entre o teórico e o prático. Como nos fala RIOS:

[...] a cidadania que precisamos formar, com o exercício da docência competente, não é uma cidadania qualquer. Ela ganha sentido num espaço democrático, que também demanda um esforço de construção coletiva e no quais dilemas e conflitos estão a nos desafiar (2001:108)

Cada professor em formação constrói modelo próprio para ensinar, esse modelo tem como referência o processo de internalização do conceito de docência vivenciado ao longo do Curso de Pedagogia. Assim, o investimento pessoal na formação, a atitude relativa às práticas de organização e planejamento do ato pedagógico demonstram os saberes e a qualidade desses saberes no desenvolvimento da atividade docente.

Os docentes são criativos quando organizam suas práticas educativas e desse modo constroem também diferentes trajetórias de desenvolvimento da profissão. “Quem sabe onde quer chegar escolhe certo o caminho e o jeito de caminhar” (FREIRE, 1979 P. 28) Nessa perspectiva, à docência não se resume ao ensino de conteúdos científicos e tecnológicos que transformam os alunos em assimiladores e consumidores de ideias e valores, normas e padrões de comportamentos dominantes na sociedade.

Sendo assim, Libâneo (1998, p.29) diz que o professor medeia à relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando o conhecimento, a experiência e o significado que o aluno traz à sala de aula, seu potencial cognitivo, sua capacidade e interesse, seu procedimento de pensar, seu modo de trabalhar. Nesse sentido o conhecimento de mundo ou o conhecimento prévio do aluno tem de ser respeitado e ampliado.

Nesse sentido, no aprendizado da profissão de professor, não basta o saber específico e o saber da experiência, é preciso saber articular esses saberes na realidade concreta de sala de aula, associando-o a outros saberes como o saber ser e conviver.

Nosso desafio maior é caminhar para uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano. Para isso precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesma do sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social.

O professor reflexivo, pesquisa, registra, faz validar teorias e hipóteses. Ao professor cabe o papel de tomar decisões, ser crítico, buscando compreender a relação da qualidade de

ensino e a aprendizagem dos alunos. É necessário refletir que: “A educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos nos educando” (FREIRE. 1979 P.28). Trabalhar com educação é um desafio permanente, é necessário compromisso político, pedagógico consigo mesmo e com a sociedade.

Para fazer educação, é necessário ouvir o professor é ele que acompanha o aluno, medeia o conhecimento, é parte do integrante do processo pedagógico. É o professor que enfrenta as dificuldades de aprendizagem do aluno, as variadas carências destes, e principalmente sabe como adequar os conhecimentos prévios dos educandos aos conteúdos curriculares da escola. Dessa forma, o professor precisa também sentir-se motivado a caminhar frente às exigências da sociedade. Apoiá-lo nas decisões do que é melhor para o aluno e escutá-lo por sua vez, porque é ao seu lado que o aluno passa o tempo em que está na escola. E o aluno precisa ter consciência de sua responsabilidade, respeitando as regras da escola.

Professores atentos, sensíveis, amorosos, estudiosos, éticos, que amam ensinar e aprender têm condições de perceber comportamentos e sinais indicativos de problemas de aprendizagem. Muitas vezes, é na escola que a criança apresenta algum sintoma alusivo a conflitos de naturezas diversas. Em se tratando de problemas de aprendizagem reativos, ou seja, em que as causas são de ordem socioeducativa, falhas ou inadequações no modo de ensinar e intervir, docentes e demais profissionais da educação e da saúde que atuam nas escolas deveriam ser formados para identificá-los e resolvê-los. No entanto, quando há hipóteses de causas individuais e familiares, o diagnóstico carece de olhares clínicos. Contudo, os professores são importantíssimos no processo interventivo, independentemente do problema. Seu olhar, sua postura, sua afetividade fazem toda a diferença.

De acordo com uma entrevista que a professora Magda Soares fez a revista Educação disse que: - Depois, quando vieram os ciclos, começou a reprovação no fim do ciclo. Resolveram que não pode reprovar no fim do ciclo, então o menino chega ao 6º ano, 7º ano semialfabetizado. Quer dizer, o fracasso, antes concentrado numa série inicial, atualmente se dilui ao longo do ensino básico. E até hoje está assim por quê? Porque continuamos discutindo método, sem entender o processo, como se pudesse achar de repente um método que fosse uma varinha de condão, uma receita.

### **3. LER É VIAJAR SEM SAIR DO LUGAR**

#### **3.1 A importância do letramento na aquisição da leitura**

Durante a infância a valorização das atividades lúdicas no ambiente escolar e fora do mesmo são essenciais para o desenvolvimento e conhecimento da criança.

Entendemos que a leitura iniciada nesta fase pode ser primordial para aquisição do prazer de ler, pois segundo Coelho (1986, p. 17) as crianças passam pela “fase mágica” em que sua imaginação torna-se criadora. O professor neste processo pode ser o mediador dessa construção, tornando a aprendizagem da leitura de fato prazerosa e significativa para a criança. É na interação com o meio que se estabelece o início do desenvolvimento da criança.

A leitura que a criança faz do mundo em seus primeiros dias de vida, aos poucos ela aprende a conhecer o mundo à sua volta, expressando sentimentos e idéias nas diversas situações que seu cotidiano exige.

Assim, entendemos que aprender a falar exige uma comunicação da criança com as pessoas que estão à sua volta, de maneira informal, essa necessidade introduz a criança no mundo da comunicação, e vai se tornando sua leitura de mundo. Essa leitura de mundo não é formal como as estabelecidas na instituição escolar, são leituras do seu contexto social e cultural, construídas na sua interação com o mundo que a cerca, e conforme a criança vai se desenvolvendo, ela busca outras formas para comunicar-se, através da linguagem, gestos, expressões. Como relata Freire (2001, p.12):

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbucie, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras.

Assim como Paulo Freire (2001) relata em seu livro a importância do ato de ler, sua vivência, também construímos as nossas experiências através das interações com o mundo, nossos alicerces são construídos pela relação estabelecida na interação social, assim conhecemos o espaço que estamos vivendo.

Acreditamos que essa é a leitura informal que a criança faz do mundo e ela se dá na interação principalmente com a família, ou até mesmo por meio de histórias inventadas, ou seja, mitos vivenciados. Desta forma relata Abramovich (1997, p. 16).

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai, ou dos avós, contando contos de fada, trechos da bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais... contados durante o dia- numa tarde de chuva, ou domingo- ou num momento de aconchego, à noite, antes de dormir, a criança se preparando para um sono gostoso e reparador, e para um sonho rico, embalado por uma voz.

Não somente a família é quem vai ser responsável pelo conhecimento da leitura, mas todo seu contato social irá influenciar. Entretanto, é a família quem estabelece uma relação muito forte na vivência de todo ser humano, com influências boas ou ruins.

Neste contexto, a partir deste contato com a família, a criança pode descobrir toda uma leitura de imagens a sua volta. Tudo que a cerca oferece subsídios para sua informação, ou seja, a criança começa a perceber o mundo através de informações escritas em propagandas, outdoor, rótulos, tornando parte de seu conhecimento do mundo letrado.

Conforme RCNEI (BRASIL, 1998, p. 121, v.3):

Pesquisas na área da linguagem tendem a reconhecer que o processo de letramento está associado tanto à construção do discurso oral como discurso escrito. Principalmente nos meios urbanos, a grande parte das crianças, desde pequenas, estão em contato com a linguagem escrita por meio de seus diferentes portadores de texto, como livros, jornais, embalagens, cartazes, placas de ônibus etc., iniciando-se no conhecimento desses materiais gráficos antes mesmo de ingressarem na instituição educativa, não esperando a permissão dos adultos para começarem a pensar sobre a escrita e seus usos.

Ao falar de leitura percebemos que no contexto de educação infantil ela está intimamente ligada à construção do conceito da escrita, assim como aponta o RCNEI (BRASIL, 1998, p.122, v.3). Assim para “aprender a ler e a escrever, a criança precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem”.

Sendo assim, o conhecimento sobre o mundo da leitura cresce gradativamente, em práticas cotidianas sem a intenção de introduzir a criança no mundo da leitura, mas torna-se uma forma de apresentar a criança ao mundo da escrita.

Deste modo, as concepções de leitura que a criança vai adquirindo, dará significados para essa escrita e criará formas para utilizar esse aprendizado na sua comunicação com o meio social em que vive. Toda criança ao chegar à escola já traz consigo um conhecimento que diferencia de criança para criança, conforme as possibilidades de letramento oferecidas pelas famílias, comunidades e o meio social em que vivem.

Esse conhecimento pode ser utilizado pelo professor, pois é ele quem vai sistematizá-lo, atribuindo significado a essa leitura de mundo de forma crítica e prazerosa, desta forma ele poderá estar contribuindo para a formação de um bom leitor.

Conforme destaca Kato (apud BRITO, 2005, p. 07).

A função da escola é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender as várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como instrumentos de comunicação.

Portanto, ao chegar às instituições de educação infantil a leitura deve fazer parte da aprendizagem do aluno, com intuito de estimular principalmente a criticidade e autonomia do aluno. Os professores por sua vez, precisam utilizar vários recursos e metodologias para atribuir à leitura significado, contribuindo assim para construção de bons leitores.

Vale ressaltar que se a leitura for estimulada na educação infantil, poderá contribuir para melhorar o processo de letramento da criança, desde que o professor esteja apto para essa tarefa. Assim destaca o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 135, v. 3):

O ato da leitura é um ato cultural e social. Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independente da idade delas, dando atenção para a inteligibilidade e riqueza do texto, para a nitidez e beleza das ilustrações, ele permite às crianças construírem um sentimento de curiosidade pelo livro (ou revista, gibi, etc.) e pela escrita. A importância dos livros e demais portadores de textos é incorporada pelas crianças, também, quando o professor organiza o ambiente de tal forma que haja um local especial para livros, gibis, revistas etc. que seja aconchegante e no qual as crianças possam manipulá-los e “lê-los” seja em momentos organizados ou espontaneamente.

Observamos assim, que a leitura tem o poder de atingir todas as crianças em todas as faixas etárias, portanto estimulá-la, a nosso ver, é um dos caminhos para alcançar o prazer de ler. Sabemos que as histórias infantis ajudam a desenvolver na criança uma série de fatores fundamentais ao seu crescimento enquanto sujeito social. Através da construção de sua autonomia enquanto sujeito consciente da importância da leitura, ele poderá analisar a sociedade de forma a participar ativamente dela, com uma visão crítica da realidade a qual está inserido, contribuindo para compreensão de si próprio e do mundo. Mas o que acontece com as pessoas que não tem acesso à leitura ou, melhor, que não aprenderam a ler? Além do aumento de analfabetos, o que se percebe é que esses adultos são alienados perante os problemas sociais.

Na sociedade capitalista como afirma Pinto (2000, p. 91) “o analfabetismo é uma realidade sociológica”, e muitos desses adultos são responsáveis por decisões importantes na

sociedade. Desta forma, acreditamos que a leitura iniciada nos anos iniciais é importante para aquisição de sujeitos críticos, com autonomia, que sabem se utilizarem desta para compreender os problemas sociais.

Muitas vezes, quando oportunizamos o aluno o contato com o livro, também estamos estimulando a capacidade de tornar-se crítico diante de sua realidade social, enxergando um mundo político a sua volta mesmo que de forma indireta. Mas a leitura deve ser algo prazeroso e que desperte o interesse do indivíduo pela alegria de estar lendo e participando da leitura. De acordo com Abramovich (1997, p. 17):

É também suscitar o imaginário, é ter curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões como as personagens fizeram[...] É uma possibilidade de descobrir um mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos dum Jeito ou de outro através de problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não) pela personagens de cada história cada um a seu modo[...] É a cada vez ir se identificando com outra personagem cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança[...] e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas [...].

Com base em nossas experiências enquanto professora de Educação fundamental I, especificamente com uma turma do 2º Ano tive a oportunidade de observar em sala de aula, um aluno, com pouca vivência no meio letrado, filho de pais analfabetos, chegou até escola com extrema dificuldade de comunicação e não conseguia expressar-se, tornando-se muitas vezes indisciplinado, sem limites.

Através de uma análise do seu grau de letramento e com várias observações, descobrimos um meio para atingir essa criança com leituras adequadas à sua realidade despertando o seu interesse. Ao escolher livros relacionados com o seu meio social, mesmo sem conseguir “ler” fui lhe dando a oportunidade de ler as imagens para os colegas e ele adorava criar as histórias, os resultados foram surpreendentes em termo de comportamento e socialização para com todos. Portanto, é necessário também que o professor esteja preparado para compreender a situação de letramento das crianças, a fim de oferecer condições para estimular de maneiras diversas a construção da leitura. Conforme Terzi (1995, p. 24):

Partindo do pressuposto de que na educação infantil a criança não sabe ler formalmente, ela não fará a leitura propriamente conhecida nos meios letrados, ou seja, não vai ler a escrita em si, portanto, percebemos a importância da leitura que a criança faz das imagens, ou seja, do letramento oferecido pelo seu ambiente social. O professor conhecendo seu aluno pode fazer a sistematização, aproveitando os conhecimentos prévios trazidos pelas crianças.

A leitura é um dos mecanismos a ser utilizado pelo professor para atingir seu aluno. Lendo para seus alunos os professores irão despertar vários sentimentos, curiosidades, e levar a criança a descobrir outros mundos, o de contos de fadas, por exemplo, levantando hipóteses, resolvendo situações-problemas, temas importantes para seu desenvolvimento nesta fase de sua vida.

Desse modo, o contato com o livro pode ser utilizado em sua metodologia, como um recurso que não faça o aluno sentir-se entediado com o assunto, ou seja, o prazer de ler juntamente com o aprendizado da criança sem que a mesma perceba.

Segundo Abramovich (1997, p. 17).

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica[...] É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo.

O estímulo á leitura está na base, é o alicerce para construção de bons leitores, quando o professor contribui com seu papel nessa perspectiva, facilita o desenvolvimento de um trabalho totalmente voltado a uma leitura prazerosa, visando à autonomia da criança. A construção da leitura envolve todo um processo de compreensão da aprendizagem da criança e dos fatores determinantes para o seu sucesso ou fracasso. É nesse contexto de compreensão da construção de leitores que as experiências de letramento das crianças, influenciam seu desenvolvimento posterior de leitura nos anos iniciais, partindo deste pressuposto em que os anos iniciais têm seu papel na contribuição e na introdução da criança ao mundo da leitura. Conforme Faria (2004, p. 22):

O aprendizado da leitura não dispensa, desde o início da alfabetização, os livros para crianças. O trabalho de automatização da decodificação deve ser concomitante com o da leitura de textos variados. Daí, na iniciação literária desde a pré-escola, a importância dos livros de imagem, com ou sem texto escrito, no trabalho com narrativas. Eles podem ser uma grande alavanca na aquisição da leitura, para além da simples decodificação.

No entanto, é primordial que o professor faça seu papel na educação, começando pelo simples ato de ler histórias para seus alunos, levando-os para o mundo da escrita, alimentando a imaginação e o despertar pela leitura prazerosa, apreciando cada momento em que a história é lida.

A criança através do professor construirá sua iniciação a leitura, valorizando esta como um meio de comunicação, pois é com o estímulo a leitura que a criança começa a compreender o processo da escrita como um meio de comunicar-se com o mundo. Conforme o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 141 v.3):

É de grande importância o acesso, por meio da leitura pelo professor, a diversos tipos de materiais escritos, uma vez que isso possibilita às crianças o contato com práticas culturais mediadas pela escrita. Comunicar práticas de leitura permite colocar as crianças no papel de “leitoras”, que podem relacionar a linguagem com os textos, os gêneros e os portadores sobre os quais eles se apresentam: livros, gibis, revistas, cartas, jornais etc.

Deste modo, a partir de leituras bem selecionadas e trabalhadas, o professor estimula o interesse de seu aluno pela escrita e tem como pressuposto a escrita de forma a compreender a sua aquisição, ou seja, o significado que a escrita tem em sua vida cotidiana para ir além da simples decifração do código.

Segundo RCNEI (BRASIL, 1998, p. 145, v.3):

Na instituição de educação infantil, as crianças podem aprender a escrever produzindo oralmente textos com destino escrito. Nessas situações o professor é o escriba. A criança aprende a escrever, fazendo-o da forma como sabe, escrevendo de próprio punho. Em ambos os casos, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, considerando as condições nas quais é produzida: para que, para quem, onde como.

Nos anos iniciais, a escrita muitas vezes é confundida com o simples ato de decodificação do código. As crianças são alfabetizadas com cópias das letras sem a compreensão do que estão escrevendo. Entendemos que a escrita, não deve ter esse caráter tão mecânico, é necessário que as crianças construam com autonomia as suas próprias possibilidades de escrita, elaborando suas hipóteses sobre o assunto, sendo assim a construção da leitura deve ser iniciada na educação infantil e estimulada posteriormente e mediadas pelo professor.

Desse modo, o despertar para a escrita contribui para a autonomia da criança diante do seu meio social, possibilitando a esta valorizar o contato com diversos tipos de textos. Relata Abramovich (1997, p. 16):

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...].O desafio do prazer de ler iniciado na educação infantil, está em buscar todo um envolvimento com o mundo da leitura, entre a escola e a família.



Assim, com uma ação conjunta da escola e da família, a leitura pode surgir na vida das crianças de forma simples e natural. Acreditamos que essa ação coletiva, compartilhada, possa mudar a realidade brasileira onde há um alto índice de pessoas que não gostam de ler, tornando o prazer de ler uma realidade, ou seja, o “gostar de ler” seja um privilégio de todos e que o professor assume para si a responsabilidade da construção de bons leitores.

Dessa forma, o professor deve ampliar as suas habilidades com a leitura na educação, voltando o seu olhar para sua própria atuação enquanto professor desencadeador de posturas reflexivas perante a sua realidade, ou seja, ser “diferencial” em uma sociedade capitalista em que as desigualdades sociais vêm crescendo a cada dia.

### **3.2 O uso da literatura infantil como recurso para despertar a criança**

Acreditamos que o brincar para a criança possibilita a diversão o entretenimento, assim como também se torna uma forma de entender o mundo. É neste contexto de construção de conhecimento que a fantasia, o faz-de-conta proporciona a criança vivenciar um mundo mágico, em que se pode brincar, imitar, inventar, expressar sentimentos, interagir com o outro.

A leitura por sua vez, também tem esse caráter, pois quando se é criança as histórias infantis encantam, suscitam a imaginação, despertam para o “mundo do faz de conta”, onde tudo que existe nos livros é possível, os seres inanimados, as fadas, as bruxas, os monstros, entre outros elementos presentes nas histórias infantis.

Além da diversão, a leitura proporciona a criança o observar, refletir, ouvir, sensações que provocam medo, alegria, construindo gradativamente o prazer de uma boa leitura e entendemos que a literatura tem estímulos para essa construção.

Notamos que o livro tem esse “poder” de encantamento, quando utilizado como instrumento de diversão e brincadeira, em que a leitura pode se tornar espaço para a aprendizagem da imaginação e de reinvenção da realidade.

Assim, ao ouvir uma história a criança pode vivenciar um mundo imaginário viajando através das histórias, participando ativamente em cada cena como se fosse um dos personagens do livro. Deste modo, a literatura devido ao seu caráter de ludicidade e ficção, rico em textos que constituiu um mundo de fantasia têm esse poder.

Visando principalmente o despertar para o gosto de ler por prazer e conhecimento, uma leitura que vai além de uma função somente pedagógica, uma leitura de encantamento que tem como intuito o envolvimento entre o livro e a criança. Fazendo com que essa interação

torne-se significativa e possa ampliar o seu conhecimento dos diversos aspectos da produção de uma obra de arte literária. Como afirma Zilberman (1987, p. 24):

Supondo este processo um intercâmbio cognitivo entre o texto e o leitor, verifica-se que está implicado aí o fenômeno da leitura enquanto tal. Esta não representa a absorção de uma certa mensagem, mas antes uma convivência particular com o mundo criado através do imaginário. A obra de arte literária não se reduz a um determinado conteúdo reificado, mas depende da assimilação individual da realidade que recria.

Desta forma, acreditamos que a infância é o melhor momento para iniciar o processo de estímulo a leitura, motivando as crianças desde cedo a criar hábitos de ler por prazer, utilizando como caminho as histórias infantis e principalmente os textos literários devido a sua riqueza de detalhes, que promovem o entretenimento garantindo o interesse contínuo pela leitura. Sendo assim, o contato com o livro quanto mais cedo melhor, pois esse fator pode contribuir para o domínio da leitura na fase da aprendizagem da escrita.

Desse modo à criança vai interagindo com o livro, formando seus conceitos sobre o mundo com a contribuição da literatura. Assim como relata Cunha (1991, p. 105) “se o homem se constitui a proporção de conceitos, a infância se caracteriza por ser o momento basilar e primordial dessa constituição e a literatura infantil um instrumento relevante dele.” Mas segundo Faria (2004) em seu livro “Como usar a literatura infantil em sala”, existem poucas iniciativas de trabalho com a literatura infantil e também a falta de pesquisa de caráter didático para utilização da literatura infantil em sala de aula, que muitas vezes é utilizada como uma mera abordagem pedagógica, quando poderia ser um valioso recurso para o estímulo à leitura prazerosa. E os poucos professores que se propõe a trabalhar com a literatura infantil são desvalorizados.

Sabendo-se que a sala de aula é um espaço para a construção de bons leitores, que valorizam a leitura pelo simples prazer de viajar pela história, e a literatura por sua vez, é um importante recurso para essa formação. Assim como relata Zilberman (1987, p. 14).

De um lado, o vínculo de ordem prática prejudica a recepção das obras: o jovem não quer ser ensinado por meio da arte literária; e a crítica desprestigia globalmente a produção destinada aos pequenos, antecipando a intenção pedagógica, sem avaliar os casos específicos. De outro, a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante setor de intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmedida sua utilidade.

Desta forma, muitas vezes, a literatura foi utilizada pelos pedagogos e professores, com intuito de transmitir para criança o mundo de normas e valores da classe dominante, sem

analisar que esta é uma arte para ser utilizada como um importante recurso envolvendo o estímulo à leitura prazerosa, destacando sempre o seu lado de ficção, possibilitando a criança fazer suas próprias interpretações do texto escrito de forma divertida, com ludicidade. Através de uma boa história a criança tem a possibilidade de compreender o mundo a sua volta, assim como afirma Bettelheim (1980, p. 13)

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para problemas que a perturbam.

Entretanto, para que a literatura torne-se um recurso para estimular o aluno a encontrar na leitura o prazer, o livro deve ter como primordial intuito estimular a imaginação da criança. Portanto as histórias devem ser ricas em imagens visuais que despertem sua atenção. Essa literatura envolve e incita no aluno a fantasia, ela faz com que a criança seja transportada para outros mundos imaginários proporcionando assim, uma experiência inesquecível em torno da leitura, criando toda uma expectativa em torno deste hábito.

Desta forma, cabe ao professor analisar a extrema importância e valorização de livros que utilize a literatura reconhecida como arte praticada de forma lúdica e prazerosa para criança, ou seja, uma literatura que promova o gosto pela leitura de forma a trazer uma compreensão do mundo pela criança, que por outro lado também venha suscitar no aluno a reflexão e compreensão da leitura escrita de forma crítica, pois segundo Zilberman (1987, p.27) “isto significa por parte do professor, o reconhecimento de que a leitura é uma atividade decisiva na vida dos alunos, na medida em que, como se viu, permite a eles um discernimento do mundo e um posicionamento perante a realidade”. Neste contexto, destaca Zilberman (1987, p. 23):

Todavia, é necessário que o valor por excelência a guiar esta seleção se relacione à qualidade estética. Porque a literatura infantil atinge seu estatuto de arte literária e se distancia de sua origem comprometida com a pedagogia, quando apresenta textos de valor artístico a seus pequenos leitores. E não é porque estes ainda não alcançaram o status de adultos que merecem uma produção literária menor.

Assim trabalhar com a literatura procede de uma atuação em que o professor utilize textos com qualidade literária que deve ter como finalidade o conhecimento do mundo. Comprometendo-se com uma literatura em que a arte literária promova o gosto pela leitura e ajude o aluno na compreensão da sua realidade.

Segundo Faria (2004, p. 19) “sabemos que o texto literário oferece ao leitor a possibilidade de “experimentar uma vivência simbólica” por meio da imaginação suscitada pelo texto escrito e/ou pelas imagens”.

Deste modo, através da vivência simbólica a criança pode avaliar o mundo e situar-se nele, obtendo um conhecimento entre a ficção e a realidade e aos poucos aumenta e amplia o domínio da leitura mediada pelo professor. Assim como mostra as fotografias abaixo; na fotografia 1 a professora oportunizou que um aluno fosse o narrador enquanto toda a turma eram personagens, fazendo com que a oportunidade de participação chegasse a todos; na fotografia 2 mostra a alegria das crianças em participar uma dramatização, mesmo que de forma simples.

**Fotografia 1: Exposição oral da história "A menina do laço de fita"**



Fonte: Joseane dos Santos Silva (2016)

**Fotografia 2: Participação de todos os alunos do 2º Ano na encenação**



Fonte: Joseane dos Santos Silva (2016)

Desta forma, ao escrever uma pesquisa que vise o caráter do prazer de ler, propondo um estudo sobre o incentivo a leitura na educação infantil, logo se tem a Literatura Infantil como importante recurso para esse processo devido ao seu caráter lúdico, onde as crianças começam a aprender uma diversidade de conhecimento sobre o universo da leitura através da sua imaginação.

Vemos que a criança elabora suas próprias hipóteses sobre um texto escrito, argumentando com suas ideias e ponto de vista, aumentando seu vocabulário, mas também com a história, ela consegue expressar seus sentimentos, através de representações em que a criança possa se identificar com algum personagem da história.

Como se refere Bettelheim (1980, p.16) “devido esta identificação a criança imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando sai vitoriosa. A criança faz tais identificações por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói imprimem moralidade sobre ela”.

Assim, acreditamos que a criança traz para sua realidade uma forma mais alegre de vivenciar a vida. A literatura devido ao seu caráter de ficção, onde a fantasia está presente, prende a atenção da criança que por sua vez, aprende sempre algo sobre a história.

Conforme Coelho (2000, p. 164) “note-se, porém, que literatura infantil ocupa um lugar específico no âmbito do gênero ficção, visto que ela se destina a um leitor em especial, a seres em formação, a seres que estão passando pelo processo de aprendizagem inicial da vida”.

Entendemos que a criança pode trazer o conteúdo da fantasia de uma história para a construção de uma relação de prazer com o livro, num processo permanente que não se limite a sala de aula. Sendo que esta relação com a leitura seja representativa no sentido de ampliar o conhecimento da criança com uma relação criada através do imaginário num processo cognitivo entre o texto lido e o leitor, pois como relata Zilbermam (1987, p. 24):

[...] ao professor cabe detonar das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque estas decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado.

Ressaltamos que o educador deve reconhecer a importância de adequar o livro a idade da criança, considerando assim as fases pertencentes à literatura. Partindo deste pressuposto, é preciso conhecer as fases apontadas pela literatura, pois esse é um elemento que pode contribuir para o desenvolvimento de um trabalho em que se respeite o limite de cada criança, experiências e ligações com o livro a ser utilizado, assim a história fará mais sentido para a criança e será agradável para se ouvir.

É preciso atentar aos pequenos detalhes que envolvem o trabalho com a literatura infantil e a fase é um deles, considerada como um ponto de referência como aponta Cunha (1991, p. 100) em seu livro “A narrativa para crianças”. Mas acreditamos ser um aspecto pertinente à pesquisa para melhor compreensão do trabalho com a literatura infantil, pois é através de se conhecer pequenos detalhes e que vamos atingir o fim pretendido que é o incentivo à leitura prazerosa.

Enfim, destacamos a fase do mito devido ao seu caráter de fantasia, onde se encontram os mitos, as lendas, fábulas, adequadas às idades das crianças das series iniciais na faixa etária , aspecto esse que acreditamos ser importante para o trabalho na educação infantil como relata Cunha (1991, p. 100):

Na fase do mito se encontram as crianças 3/4 a 7/8 anos. Predomina nelas a fantasia, o animismo: tanto quanto as pessoas, os objetos têm para a criança, alma reações. Não existe para ela diferença entre realidade e fantasia, e a leitura a ser feita para criança desta época é a que também não faz distinção: a literatura de maravilhas. Os contos de fadas, as lendas, os mitos e as fábulas são especialmente adequados a essa idade.

Compreendemos que esta fase interessa especialmente a pesquisa, pois visa uma leitura voltada ao público infantil de três a quatro anos, como também está ligada ao mundo da fantasia. A ludicidade está presente de forma alegre, concisa e divertida.

Assim, os livros que tem a fantasia como foco principal irão envolver a criança renovando a cada leitura seu prazer de ler, experiências essas necessárias para desenvolver o contato com o mundo da escrita, e sua capacidade de comunicação. E também por outro lado, os contos de fada presente na literatura que destacam a fantasia, enriquecem o mundo da criança, e permitem a ela aprender a resolver problemas interiores e lidar com eles, mesmo que esses contos foram inventados antes deles nascerem como afirma Bettelheim (1980, p. 13):

Na verdade, em um nível manifesto, os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; estes contos foram inventados muito antes que ela existisse. Mas através deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de estória dentro da compreensão infantil.

Portanto é de extrema importância os professores saberem como utilizar a literatura em sala de aula com intuito de promover segundo Maria Alice Faria (2004, p. 08-09) em seu livro “Como usar a Literatura em sala de aula” “um universo lúdico, com criatividade”. A autora em seu livro não tenciona reduzir a literatura infantil apenas em uma abordagem pedagógica e sim capacitar os educadores para perceber toda riqueza de detalhes típica dos livros para criança.

Apontando elementos básicos e trabalhos práticos para o dia-dia, utilizando da leitura de narrativas como “ferramentas literárias”, por outro lado à ilustração, como elemento constituinte do livro em suas diferentes funções e articulação com o texto escrito.

Desta forma, Faria (2004, p. 12) destaca a importância dos professores lerem para as crianças numa linguagem didática e afetiva, utilizando preferencialmente o texto literário, pois o mesmo é considerado polissêmico, apresentando um mundo de conhecimento para seu aluno, estabelecendo uma aprendizagem significativa. Quando a leitura torna-se uma maneira divertida de conduzir uma aula, a brincadeira está presente e quando a criança brinca, relaxa se solta, mistura o real ao imaginário.

Assim para envolver a criança com a história segundo Abramovich(1997, p. 21-22) é preciso estar atento ao aproveitamento do texto, criando todo um clima de envolvimento, e encantamento, respeitando pausas e intervalos para que a criança consiga construir e visualizar o seu cenário imaginário. Evitar descrições cansativas e cheias de detalhes, saber trabalhar a tonalidade da voz, sussurrando, levantado a voz, valorizando a onomatopeias, para que o ouvinte vivencie e tome sua posição; começando a história sempre com “senhas mágicas como era uma vez”, mantendo o ritmo sem ter pressa de acabar e terminar a história de maneira

especial, mostrando para a criança que tudo que ouviu está impresso num livro e ela poderá ler quantas vezes quiser. Cabe ao professor despertar emoções, estimulando a curiosidade a cada passo da história. Portanto como afirma Faria (2004, p. 14):

O professor, para elaborar seu trabalho com a leitura de livros para as crianças, precisa ler primeiro essas obras como leitor comum, deixando-se levar espontaneamente pelo texto, sem pensar ainda na sua utilização em sala de aula. Em seguida, virá à leitura analítica, reflexiva, avaliativa.

É fundamental escolher um livro bem-acabado, bem feito que aguce os olhos das crianças, com ilustrações interessantes. O educador aos poucos deve articular o texto escrito com o visual, fazendo do momento da leitura a hora mais agradável possível, onde as crianças se sintam hipnotizadas, provocadas a sentir emoções de forma intensa pela história.

Como afirma Abramovich (1997, p. 24):

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores[...]é encantamento, maravilhamento, sedução[...] O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, postura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca[...] desde que seja boa.

Para tanto, é necessário utilizar da literatura de uma forma artística, permitindo que a criança divirta-se enquanto vivencia a história, e que de alguma forma essa história quando bem selecionada ofereça recursos para o ouvinte refletir sobre si mesmo, trazendo de alguma forma experiência para sua vida que seja duradoura e importante, pois segundo Coelho (2000, p.164) “Aquilo que não divertir, emocionar ou interessar ao pequeno leitor, não poderá também transmitir-lhe nenhuma experiência duradoura ou fecunda”.

Assim, sua relação com a leitura deve ser sempre prazerosa, promovendo momentos de intensa experiência, enriquecendo sua aprendizagem de maneira significativa, porque a prática de leitura em sala de aula não pode estar ausente, principalmente os contos de fada, pois conforme Bettelhim (1980, p. 20):

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significados em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.



Devemos refletir sempre sobre a prática educativa, procurando enxergar as particularidades de cada criança, sua relação com o mundo, pensando em uma proposta que vai além dos modelos estabelecidos pela sociedade como prontos e acabados, e estruturar as ações em algo que aguce o aluno a ir além do que lhe é proposto, isto é, com autonomia, criatividade, sabedoria, e construir sua aprendizagem de forma significativa estabelecendo novos conceitos.

Sendo assim, nossas intervenções, interações, mediações com a leitura poderão ajudar na construção do conhecimento e desenvolvimento da criança, oferecendo uma diversidade de possibilidades com a leitura dedicada ao mundo infantil utilizando a literatura infantil, que além de promover a diversão, expressão de emoções, entretenimento, permite também com a sua utilização adequada à construção de bons leitores.

Acreditamos que os professores devem valorizar o trabalho com a literatura infantil como uma atividade enriquecedora da criatividade, e autonomia de seus alunos, construídas através de leituras prazerosas onde o professor se comprometa com práticas educativas que envolvam a leitura de forma lúdica centrando seu trabalho na criança.

## **4. RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ANTÔNIO FERREIRA DA COSTA**

### **4.1 Caracterizando o campo de prática**

De acordo com os dados constantes no Projeto Político Pedagógico (PPP, 2016), A Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Ferreira da Costa está situada na comunidade rural de Lagedo Grande no município de Picuí/PB. A sua fundação se deu no ano de 1968 do século XX, pelo senhor João Cândido da Costa, morador da comunidade, que sentindo a necessidade de seus filhos e familiares estudarem, contratou uma professora particular de nome Terezinha Silva fazendo de sua residência uma escola. E juntamente com os moradores e vizinhos que aprovaram sua iniciativa, propôs ao então prefeito Municipal daquela época Severino Pereira Gomes a construção de uma escola nessa localidade.

A partir de 2008 a escola foi nucleada atendendo alunos das comunidades local e vizinhas: Mari Preto, Canoa do Costa, São Francisco, Lagoa da Coruja, Malhada da Caatingueira, Saquinho, Cupira, Tanques, Mendes, Lagoa da Caatinga, Tanque de Areia, Cachoeira da Onça, Serrote do Tigre, Atanásio, Pedreiras, Monte Azul e Volta. Atualmente a escola funciona em dois turnos, manhã com o ensino fundamental do 1º ao 5º ano e tarde com o maternal e educação infantil. Os recursos humanos são formados por 10 professores, 03 auxiliares de serviços gerais, 03 auxiliares de ensino, 01 agente administrativo e 01 gestor escolar. Sua estrutura física já sofreu modificações, e encontra-se, atualmente assim organizada: 01 secretaria, 01 laboratório de informática (que não funciona), 05 salas de aula, 01 cozinha, 01 depósito para merenda, 04 banheiros, 01 cisterna e 01 pátio interno coberto (que virou refeitório). No entanto necessita de algumas ampliações, pois não dispõe de biblioteca, sala de professores, banheiros para funcionários, banheiros acessíveis para crianças especiais e refeitório.

A clientela atendida na escola é totalmente residente na zona rural, oriunda de classes sociais mais populares, na faixa etária de 4 a 14 anos, atendendo também a alguns alunos com problemas de distorção idade/série, alunos com deficiência física e intelectual, por este motivo veio a inquietação de oferecer a eles (os educandos) a oportunidade de um atendimento individualizado mesmo estando dentro da sala regular junto aos demais, oferecendo lhes intervenções nas atividades de sala como também atividades diferenciadas aos diferentes níveis

de aprendizagem. O público é predominantemente de filhos de trabalhadores rurais, agricultores e pecuaristas, atividade econômica atualmente predominante na nossa comunidade.

A escola é mantida com recursos federais PDDE (programa de dinheiro direto na escola), executado pelo conselho escolar, Prefeitura, SECD (Secretaria de Educação Cultura e Desporto) que complementa e atende as necessidades mais imediatas da escola.

**Fotografia 3: Fachada da EMEF Antônio Ferreira da Costa**



Fonte: arquivo fornecido pela escola citada acima (2018)

#### **4.2 O ato de ensinar como experiência vivenciada na escola Antônio Ferreira da Costa**

Nós educadores precisamos ser exemplos de seres humanos amorosos, vivendo, na prática, a solidariedade, a aceitação do outro, o respeito às diferenças, mostrando os valores dentro da sala de aula para que nossos alunos possam espelhar-se em nós. Sabemos que não tem sido fácil porque, muitas vezes, a criança reflete na sala de aula o que vivencia em casa, isto é, violências domésticas, urbanas e desrespeitos morais e éticos, condições sociais precárias, desestrutura familiar etc. Nós, educadores, ficamos com a responsabilidade de tentar contribuir para a formação do caráter desses alunos que, muitas vezes, têm pais ausentes e sem o cuidado para seu desenvolvimento.

O processo de ensino e aprendizagem precisa acontecer em um ambiente que proporcione criatividade, respeito mútuo, que trabalhe a autoestima e o prazer de estar adquirindo novos conhecimentos. As dificuldades de aprendizagem estão ligadas a diversos fatores, que se manifestam de forma diferenciada em cada criança. Estas dificuldades podem ter relação com aspectos orgânicos, cognitivos, emocionais, familiares, sociais, pedagógicos, falta de material e estímulos, baixa autoestima, problemas patológicos, entre outros.

Sanchez (apud OSTI, 2004) define dificuldades de aprendizagem, afirmando que atualmente nós dispomos de conhecimentos suficientes para não permitir a confusão terminológica do conceito de dificuldades de aprendizagem, as quais se constituem como uma entidade distinta, heterogênea, que pode acontecer ao longo da vida de qualquer pessoa.

Segundo Costa (2012), o aluno pode desenvolver as dificuldades de aprendizagem em mecanismos distintos como na escrita, leitura, matemática ou outras matérias. Estas dificuldades podem ocorrer em conjunto ou individualmente em níveis diferentes. Também podem ser ocasionadas por um fator ou por vários deles que podem envolver desde problemas neurológicos, como emocional, familiar, socioeconômico e cultural.

Na verdade, analisamos que existe um leque de definições para dificuldades de aprendizagem, é complexo pois, variam de acordo com o referencial teórico de cada autor, ainda mais no nosso país que é considerado um país em desenvolvimento, porém com fatores desfavoráveis para o desenvolvimento das crianças. Todas as definições existentes norteiam e encaminham dados para eliminar o problema desde o diagnóstico até a intervenção feita, não só com o aluno, mas também com a família e a própria escola como um todo.

Iniciamos nossa experiência na escola Antônio Ferreira da Costa por ocasião do início do ano letivo no mês de março de 2016 onde desenvolvemos nossa função de professora do Ensino Fundamental I mais especificamente com a turma de 2º ano, a nossa turma era composta por 28 alunos todos na faixa etária de 07 anos, destes 10 apresentavam dificuldades de aprendizagem na escrita, na leitura e também em matemática e por este motivo resolvemos olhar mais especificamente para esses alunos observando o ritmo e a dinâmica da aprendizagem desenvolvida por estes que apresentavam dificuldades em compreender, assimilar e internalizar o conhecimento. Alunos que são sujeitos reais no âmbito escolar o que nos impulsiona enquanto professora mediadora da construção do conhecimento a identificar as metodologias que melhor promova ou provoque a aprendizagem de forma proveitosa e qualitativa.

Identificadas podem nos favorecer a encontrar caminhos mais práticos que atuem impactantemente sobre o problema e/ou dificuldade de aprendizagem, sobretudo podemos definir como uma reflexão textual das dificuldades de aprendizagem apresentado pelos alunos

que precisam vivenciar a inclusão escolar pedagógica e identificar determinados assuntos e como agir de forma positiva para superar essas dificuldades citadas acima.

Durante essa nossa experiência foi possível trabalhar várias metodologias dentro do ambiente escolar como por exemplo : todo o conteúdo programático das disciplinas e explorando muito mais o gênero textual “receita” que trabalhei de forma interdisciplinar, em ciências: a transformação dos alimentos, história: a origem dos alimentos, matemática: as quantidades em Kg e em ML e em português: o gênero textual receita, sua estrutura, a leitura de palavras e frases por fim a experiência de fazer a receita, e colocar os alunos a fazer a própria receita com todos os materiais necessários e dobrando-a trabalhando o eixo matemático da multiplicação em matemática, colocando em prática o que aprenderam, como mostra as fotografias abaixo:

**Fotografia 4: Atividade pratica de forma interdisciplinar**



Fonte: Joseane dos Santos Silva (2016)



**Fotografia 5: Atividade lúdica trabalhando a criatividade**



Fonte: Joseane dos Santos Silva (2016)

**Fotografia 6: trabalho em grupo**



Fonte: Joseane dos Santos Silva (2016)

As imagens acima mostra uma das aulas interdisciplinar trabalhadas no ciclo de alfabetização (2º ano), nas quais demos ênfase em letramento e alfabetização, matemática, ciências artes e ensino religioso, valorizando o trabalho em grupo e trazendo para as crianças a oportunidade de aprender com o concreto.

O supermercado também nos trouxe um grande aprendizado de forma interdisciplinar vimos o sistema monetário brasileiro ( cédulas, moedas, cartão, cheque e promissória) e o gênero cartaz e o dia de ler para um amigo isso nos proporcionou aprendermos juntos num processo de afetividade, cumplicidade e compartilhamento de saberes.

Afetividade, inteligência e desejo se articulam no campo pedagógico nas relações professor-aluno, deparando-se com faltas e carências e por ser assim, “construindo,

pensando, desejando, novas e infinitas possibilidades. ” (ALMEIDA, 1993, apud Dell’Agli 2008, p. 120).

Nessa visão, a afetividade na relação professor- aluno é algo indispensável para que o educador consiga identificar os motivos pelos quais o mesmo está apresentando dificuldades de aprendizagem. Essas relações de afeto entre professor-aluno como também, de todos os envolvidos nesse processo de construção de conhecimento pode aumentar sua capacidade de raciocínio contribuindo para que o aluno desenvolva seu aprendizado com prazer e competência.

Nossas atividades foram realizadas nos meses de março a dezembro dividido por quatro bimestres nos quais cada um tinha 50 (cinquenta) dias de aulas totalizando 200 (duzentos) dias aulas, período pelo qual desenvolvemos diversas metodologias de ensino, dentre estas atividades lúdicas, atividades extraclases, procuramos sempre deixar a família presente na vida escolar do aluno, deixando clara a importância da família na escola, e o dever de casa dos pais é ajudar a criança a fazer nas tarefas de casa que são acompanhadas diariamente, mesmo que o responsável pela criança seja analfabeto o fato do estímulo diário faz com que a criança consiga realizar suas atividades e com isso os pais participem deste momento e o professor por sua vez faz o acompanhamento dos para casa feito e o estímulo para a criança é uma foto no mural da escola como “vencedores do para casa” a cada mês. Rodas de leitura dando oportunidade para que os alunos interajam entre si, mesmo que ele ainda não domine a leitura poderá contar uma história ilustrada e/ou uma história contada por seus avós ou outro membro da família fazendo então o resgate de algumas histórias que passam de geração pra geração apenas pela oralidade, teatro dramatizando um livro ou nas apresentações culturais, enfim buscamos identificar as problemáticas que estavam atravancando o desenvolvimento dos alunos quanto a questão da aprendizagem para posteriormente encontrarmos a solução.

Segundo Vigotsky (2007), O brincar é de grande importância nos processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança, e cabe ao professor e aos educadores em geral o papel de mediadores, entre o aluno e o conhecimento.

Aprendizagem e desenvolvimento estão ligados desde os primeiros anos de vida da criança.

Oliveira (2002) nos fala que a falta de uma metodologia adequada para o desenvolvimento de cada atividade, a excessiva escolarização ou a alfabetização precoce e a inexistência de um currículo que integre os cuidados à educação da criança, a pouca autonomia

sobre a própria ação e a baixa remuneração também são questões que impedem um ensino de mais qualidade, resultando em alunos com déficit de aprendizagem.

Diante de toda dinâmica vivenciada foi possível observar o desenvolvimento da leitura, escrita, produção textual e em matemática por parte dos alunos, cada um de uma forma, mas que sempre buscaram o aprendizado, as metodologias de ensino propostas foram muito valiosas, tendo em vista fornecer esse arcabouço de métodos e formas de despertar a busca pelo conhecimento.

Após a aplicação dos diversos métodos e empenho por minha parte como educadora em alfabetizar e sensibilizar, aguçar nos alunos essa procura pelo aprender, é notório a grande intervenção positiva, uma vez que mediante o número expressivo de 28 alunos. Destes 26 finalizaram as atividades tendo um score de leitura fluente, escreviam palavras com sílabas complexas e de forma ortograficamente correta e por fim 28 destes escrevem textos com frases ampliadas, com desenvolvimento lógico e interligação das ideias e apenas 02 apesar de todo nosso esforço não atingiram o objetivo esperado.

Nesse sentido, foi possível observar claramente a evolução da aprendizagem dos alunos através das atividades realizadas durante o período de intervenção, relacionando os resultados das atividades realizadas durante a observação o desempenho era bem mais lento quando utilizamos apenas lápis e papel, e a dificuldade encontrada na hora da execução era maior, mas através de atividades diversificadas e utilizando materiais concretos foi possibilitando uma aprendizagem mais significativa fazendo com que o aluno aprenda de forma lúdica, divertida, prazerosa, e que permita a socialização, entre outras habilidades que podem ser desenvolvidas através do método e conteúdo trabalhado.

É fundamental que os professores possam oferecer a oportunidade através de atividades diferenciadas e diferentes métodos para que a criança possa vivenciar múltiplas experiências, que estimulem a criatividade, as experiências múltiplas, que estimulem à experimentação, a imaginação, que desenvolvam as distintas linguagens expressivas e possibilitem a interação com outras pessoas.

De acordo com o conceito de ação docente, a profissão de educador é uma prática social. Como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso por meio da educação que ocorre não só, mas essencialmente, nas instituições de ensino. Isso porque a atividade docente é ao mesmo tempo prática e ação. (PIMENTA, 2004, p, 41)



A instituição escolar é evidenciada como um lugar de produção de conhecimentos pedagógicos construído na interação de adultos e crianças, mas cabe a cada professor inventar, criar seus próprios instrumentos metodológicos, fazendo um plano de aula diversificado de forma interdisciplinar e que seja flexivo e as atividades adequadas para determinada faixa etária e com o intuito de atingir os objetivos propostos garantindo os direitos de aprendizagem das crianças.

No que diz respeito aos resultados insatisfatórios no final do ano letivo podemos citar apenas 02 alunos que não manifestaram interesse por alguns dos métodos ofertados, porém tiveram avanços como por exemplo: aprenderam a fazer o nome, ler sílabas simples e interagir com os colegas de classe nas brincadeiras, foram identificados e encaminhados a aula de reforço oferecida pela própria escola no contra turno e também acompanhamento com a psicóloga do município citado acima, para que se possa ter uma intensiva forma de inserção do mundo do aprender, ou até mesmo caso seja investigado algum distúrbio de atenção, para tomar as devidas providências e correções.

Enfim, diante dessa vivência na sala de aula cada vez mais ecoa em nós o interesse em desenvolver uma aprendizagem significativa, inovadora e criativa, ocupando um lugar de um agente de transformações junto às crianças. Pois elas são seres sociais que nascem completos, isto é, com capacidades afetivas, emocional, cognitivas e necessitam de todo afeto e dinamicidade para desenvolver seu conhecimento e habilidades.

Portanto é imperioso destacar a vivência exitosa que foi essa pesquisa, aplicar as mais diversas metodologias com esses alunos e os ver despertar para o conhecimento e nos dar esse retorno quando pontuavam com excelência no melhor escore mesmo diante de diversas realidades cada um na sua singularidade, a escola com pouco espaço, sem área de lazer, pois o pátio virou refeitório, salas numerosas, tendo que acordar ou almoçar muito cedo pois muitos moram longe da escola e dependem de transporte escolar, a educação precisa se adequar a qualquer tipo de ambiente e indivíduo, desde que o conhecimento seja prioridade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desse trabalho foi perceptível que com os diversos tipos de metodologias existentes e dificuldades, é possível prender a atenção e despertar nos alunos a busca pelo conhecimento, mesmo que estes apresentem algum déficit na aprendizagem, como foi o objetivo principal da pesquisa. Dessa forma, concluímos que, apesar de existirem dificuldades no aprendizado, são necessárias medidas intensivistas, a busca incansável para que o aluno se torne alfabetizado e sensibilizá-lo a fim de criar nele hábitos como a leitura, a escrita mesmo vivendo em um ambiente pouco letrado que é a zona rural e a força de vontade, como foi apontado na pesquisa. E é nesse sentido que a figura do professor ganha espaço e exige da educação uma nova abordagem no processo de ensino e aprendizagem, em que se faz necessário trabalhar novas metodologias, capazes de desenvolvê-los para resolver problemas e construir seus próprios conhecimentos a partir das informações recebidas.

Como foi visto nesse estudo as características do aluno que possuem déficit de aprendizagem, isso dificulta o funcionamento cognitivo da criança em diferentes ambientes e implicam repercussões muito variadas na vida cotidiana delas. Foi observado durante a pesquisa que apesar dos alunos terem esse déficit, ao final eles puderam desenvolver a leitura fluente, a escrita e a produção textual bem como ter prazer em desenvolver atividades de matemática com materiais concretos, porém não foram todos, alguns apresentaram comportamentos de negação à atividade, podendo ser interpretado como atitudes de ações momentâneas. Observamos também que o ato de brincar é fundamental para o desenvolvimento de qualquer criança e deve ser considerado como uma ação e não como um comportamento desde que seja bem compreendido, assim como, falar alto e nervosismo, podem ser algo momentâneo. Para essa avaliação, devem ser consideradas a situação em que as atitudes ocorrem, bem como a estruturação do ambiente escolar e familiar como parte desse processo educativo, assim como a frequência que esses comportamentos costumam acontecer.

Percebemos também o grande desafio da educação e a importância da ação docente frente a realidade imposta pela sociedade, assim como a elevada importância do conhecimento e outras características cognitivas que formam a aprendizagem individual do alunado.

O positivo é que, com a chegada de novas tecnologias, que permitem o acesso de informações de forma mais rápida, diversificando ainda mais no campo metodológico do ensino como um todo e a busca por novos conhecimentos, os professores estão cada vez mais informados e capazes de identificar sobre transtornos ou possíveis causas que podem dificultar

a aprendizagem e o desenvolvimento da criança na escola e, assim, direcioná-las para um profissional especializado fazer o diagnóstico mais preciso contribuindo para melhor aprendizagem dessa criança.

É notório também que o ensino brasileiro apesar dos avanços tem que melhorar muito ainda para garantir que uma educação de qualidade seja oferecida a todos, conforme regem as legislações apresentadas nesse trabalho. Há ainda a necessidade de se pensar na melhoria da qualidade de vida dos professores, valorizando-os cada dia mais, pois eles são fundamentais para mediar o ensino de forma qualitativa visando o aprendizado e a inserção do aluno, e sentimos que mesmo quando não temos as condições adequadas para educar, ainda assim fazemos o impossível pelos nossos alunos, tentando ajudá-los a aprender e se inserir no mundo educativo de forma integralizada como deve ser sempre e procurando novos aperfeiçoamentos. Cabe ao professor ampliar o universo cultural das crianças através da cultura e a tradição de práticas pedagógicas intencionais, relevante e pertinente proporcionando atividades livres e criativas para que as crianças possam interagir.

Por fim de extrema importância o professor mediador é um sujeito que tem em mãos, diariamente, uma responsabilidade imensa. Que é a grande parcela de contribuição na formação da qualidade pessoal do indivíduo (aluno). O professor então deve instigar o estudante a ter gosto e vontade de aprender, de abraçar o conhecimento não como uma obrigação ou decoreba mais por prazer e de forma lúdica.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997. ( Série Pensamento e Ação no Magistério).

ALBUQUERQUE, S. S. e PROTÁSIO, M. R. Quando as Crianças Passam a ser alunas? Problematizações sobre a articulação da Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental. IN; **Revista Momento**. Rio Grande, n. 17, 2005. p. 95-106. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/momento/article/view/615/161>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica**. São Paulo: Loyola, 1993.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. A educação infantil no Plano Nacional de Educação: a questão da oferta e do atendimento. In: PASCHOAL, Jaqueline. D. (Org.). **Trabalhopedagógico na educação infantil**. Londrina, PR: Humanidades, 2007. p.77-86.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988, 305 p.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Educação**. Lei nº 10.172/2001, de 09 de janeiro de 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Política nacional de educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/COEDI, 1994a.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada: literatura e teoria. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1980. v. 24:

CAMPOS, M. M. A Formação de professores para crianças de 0 a 10 anos: modelos em debate. In: **Educação & Sociedade**. Campinas. v. 20, n. 68, dez. 1999. p.126-142. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a07v2068.pdf>>. Acesso em: 30 jun. de 2017.

CARRETERO, Mario Construtivismo e educação / Mario Carretero; trad. Jussara Hauberg.- Porto Alegre; Artes Medicas, 1997.

\_\_\_\_\_. et al. A qualidade da educação infantil: um estudo em seis capitais Brasileiras. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 41, n. 142, 2011. p. 20-54 Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010015742011000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742011000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 30 jun. 2017.

COSTA, Maria do Socorro Alencar N. Desafios da alfabetização na perspectiva do letramento. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v.7, n.6, 2012.

- COELHO, Beth. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Àtica, 1986.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. A narrativa para crianças. In: \_\_\_\_\_. **Literatura infantil: teoria e prática**. 15. ed. São Paulo: Àtica. 2004.
- DAMM, Fernanda Lustosa Almeida. O professor como mediador da facilidade/dificuldade de aprendizagem do aluno. 2015. 62 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/131839>>.
- DIDONET, Vital. Creche: a que veio, para onde vai. In: **Educação Infantil: a creche, um bom começo**. Em Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. v 18, n.73. Brasília, 2001. p.11-28.
- FREIRE, Paulo. **Importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- KATO, João Macêdo. BRITO, Manuella. As relações intersubjetivas na construção de conhecimentos. In: **A significação nos espaços educacionais: interação social e subjetivação**. São Paulo: Papirus, 2005. 11-28 p. (Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.
- MASETTO, Marcos. **Didática: a aula como centro**. 4º edição. São Paulo: FTD, 1997.
- MARCILIO, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- MOTA, M. R. A. **As crianças de seis anos no Ensino Fundamental de nove anos e o governo da infância**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Acesso em: 30 jun. 2017.
- Ministério da Educação. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: formação de professores no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.
- NEVES, Lisandra Olinda Roberto. **O lúdico nas interfaces das relações educativas**. Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.com.br/ludicoint.htm> Acesso em 24 de jun de 2017.

OLIVEIRA, Zilma Moraes R. **Creches: Crianças, faz de conta & Cia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. Zilma Moraes R. **Educação infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2002. Coleção Docência em Formação.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. **O professor como mediador das leituras literárias.** In: **Literatura: ensino fundamental** / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 204 p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20).

OLIVEIRA, Maria Rita N. S. Desafios na área da didática. In: ANDRÉ, M. E. D. A., OLIVEIRA, M. R. N. S. **Alternativas do Ensino de Didática.** In: Campinas: Papirus, 1997. p. 129-143

PASCHOAL, J. D. e MACHADO, M. C. G. A História da Educação Infantil no Brasil: Avanços, Retrocessos e Desafios dessa Modalidade Educacional. In: **Revista HISTEDBR.** Campinas, n. 33, mar. 2009. p. 78-95. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/33/artigos.html>>. Acesso em: 30 jun. de 2012.

PINTO, Álvaro Vieira. O Problema da alfabetização. In: \_\_\_\_\_. **Sete lições sobre educação de adultos.** São Paulo: Cortez, 2000.

PIMENTA, S. LIMA, M.. **Estágio e Docência.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004. MORO, Catarina. Desafios da avaliação. **REVISTA EDUCAÇÃO INFANTIL.** 2ed. São Paulo: Segmento, 2011.

REVISTA, Educação edição 233. Entrevista com Magda Becker Soares

RIZZO. Werneck, Hamilton. **Como vencer na vida sendo professor: depende de você.** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

SOUZA, R. A. M. de. **A mediação pedagógica da professora: o erro na sala de aula.** 2007. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

SOLER, Gabriel. Educação: a solução está no afeto. 12ª Ed. São Paulo: Gente, 2003.

TERZI, Silvia Bueno. **A construção da leitura: uma experiência com crianças de meios iletrados.** São Paulo: Pontes, 1995.

VYGOTSKY, Lev. S. **Psicologia Pedagógica.** São Paulo: Martins e Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos Processos psicológicos superiores.** 6. ed. São Paulo: Martins e Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem.** 2. ed. São Paulo: Martins e Fontes, 1998

WEISS, M. L. L. **Combatendo o fracasso escolar**. Obstáculos à aprendizagem e ao desenvolvimento da leitura. In WEISS, M. L. L. & WEISS, A. Vencendo as dificuldades de aprendizagem escolar. RJ: Wak, 2009.

WEISS, A. M. L. & CRUZ, M. L. R. da. Compreendendo os alunos com dificuldades e distúrbios de aprendizagem. In GLAT, R. (org) Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar. 2. ed. RJ: 7Letras, 2011.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura na escola**. 8. ed. São Paulo: Global, 1987.